

BANKS- LEITE, Luci (org) **Percursos Piagetianos**. São Paulo, Cortez, 1997.

*Gil Meyer**

Seria difícil escapar, no ano de 1996, às comemorações do aniversário de Jean Piaget. Inúmeras conferências no mundo inteiro, homenagens em Genebra, entre a inauguração de um busto, a edição de um CD-ROM, e a ocorrência simultânea de dois congressos internacionais, dos quais um visava colocar em perspectiva as abordagens de Piaget e Vygotsky.

Todavia, salienta Bronckart, seu atual sucessor à frente da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação de Genebra, a celebridade atestada pelas comemorações do sábio genebrino não garante na mesma medida a continuidade científica, o “núcleo duro” de sua teoria. Certamente, constata Bronckart, Piaget permanece um dos autores mais reivindicados pelos pedagogos e psicólogos da criança, mas, acrescenta ele, sua obra “não parece ter orientado de maneira decisiva o redimensionamento contemporâneo das ciências da vida, do homem e do conhecimento” (p.13)¹. Quando muito, na postura altiva daquele que ocupa os lugares de herança acadêmica, Bronckart concede a existência de “alguns descendentes locais”.

Estes **Percursos Piagetianos** não se colocam em termos de “descendência”, mas têm o mérito de oferecer aos leitores “locais” um enfoque que ultrapassa o apelo tradicional e admirativo pelas considerações pedagógicas ou psicológicas que criam ilusão - que são plenas de malentendidos e mesmo de oportunismo - quanto à uma repercussão imediata na prática psico-educativa dos princípios piagetianos. Trata-se de uma abordagem verdadeiramente múltipla que pressupõe um conhecimento prévio desses princípios. Melhor assim, pois as introduções a Piaget existem em número suficiente.

O livro organizado por Luci Banks-Leite apresenta um título que é bem justificado. **Percursos Piagetinos**, como explica a organizadora na sua apresentação, se compõe de duas partes: a primeira congrega textos que visam elucidar ou contradizer certos aspectos da teoria piagetiana; a segunda propõe contribuições que partem dessa teoria multiforme para se abrir a novas perspectivas de pesquisa. Não nos alongaremos sobre o exercício de estilo de VONÈCHE que evoca as influências, explícitas ou não, que recaíram sobre

* École d'Études Sociales et Pédagogiques, Lausanne – Suíça.

¹ Bronckart, J.-P. (1997) Jean Piaget, l'avenir incertain d'un oeuvre d'exception. Sciences Humaines, 77, pp.12-17.

Piaget na elaboração de seu quadro conceitual. Sobre essa questão, vale mais a pena se referir ao impressionante trabalho de um outro discípulo de Piaget².

A contribuição de Vidal é bem mais estimulante. As relações que Piaget manteve com a psicanálise são notoriamente tumultuosas. Ele passou pela psicanálise como paciente de Sabina Spielrein, mas também, levado por seu espírito de experimentalista preocupado com a validação empírica, a praticou junto a seus colaboradores e a sua mãe! Que esse empreendimento tenha fracassado, não é de se admirar. Quadro científico e cultural de uma época na qual todas as audácias eram permitidas, o artigo bem documentado de Vidal, armado por uma escrita límpida, retraça os avatares do encontro, que foi também intelectual - em torno da noção de simbolismo - entre um jovem pesquisador e uma psicanalista esquecida durante muito tempo pela historiografia e que foi interlocutora de Freud e de Jung. Apenas como anedota, lembremos - o que não carece de um certo sabor - que o primeiro artigo de Piaget "psicólogo" foi consagrado às relações entre psicanálise e psicologia da criança.

Examinando as relações entre a lógica e a psicologia que preocuparam durante muito tempo a teoria piagetiana, Grize evoca com agudeza as tensões notadas nesse projeto. "Os lógicos - em todo caso aqueles que gozam do prestígio na corporação - sempre trataram do pensamento adulto". A Piaget cabe o mérito de ter apontado a necessidade de apreender a perspectiva genética do pensamento. Acontece, como nota Grize com certo pesar, que Piaget embora analisando as imperfeições próprias à lógica infantil, nunca renunciou a importância concedida às verdades normativas que a lógica procura estabelecer, negligenciando assim as representações do senso comum, uma lógica dos objetos para os sujeitos".

Com riqueza de detalhes, Franco se debruça sobre um dos aspectos mais fascinantes da obra piagetiana - seu método de interrogatório e de observação das crianças e das evoluções que este sofreu, às vezes por força de circunstâncias - e sobre o qual, como lembra Franco, Piaget escreveu muito pouco. Uma questão essencial persiste: até que ponto as falas infantis dizem respeito ao estado de sua compreensão lógica ou são pura fabulação? Questão que preocupa os sociólogos há muito tempo: as crianças não são as únicas a semear a dúvida.

Munido de um título improvável e de um culto da precisão que confina, às vezes, com a trivialidade ("a obra a ser lida e sua leitura, ou seja, simplesmente a operação leitora, estruturam-se no seio das idéias de uma época"), o artigo de Lajonquiére deseja se consagrar a um elo fraco da obra piagetiana: o papel

² Ducret, J.-J. (1990). Jean Piaget. Biographie et parcours intellectuel. Neuchâtel et Paris: Delachaux & Niestlé.

declarado, mas raramente aprofundado, das interações sociais. Se com esse texto se saberá algo mais a esse respeito, cabe ao leitor paciente e tolerante julgar. A ele também permanece a tarefa de se achar nas menções de “vitalismo preformista” (um e outro foram, aliás, diferenciados por Piaget em *La Naissance de l'intelligence*, p. 20, Delachaux & Niestlé, 1968) e de “finalismo não cibernético”.

Mais convincente é o estudo de Menezes sobre as relações entre Piaget e a sociologia. Tais relações, segundo Menezes, foram intensas e levaram Piaget a ocupar a cadeira de sociologia da Universidade de Genebra. O autor lembra a atenção dedicada por Piaget à literatura sociológica e ao mesmo tempo sua irritação diante da polêmica que dividia sociólogos e psicólogos europeus no que concerne a oposição entre essas “entidades abstratas” que são indivíduo e sociedade, ao contrário dos *social scientists* anglo-saxões, impregnados de uma cultura empirista que os orienta mais facilmente ao verdadeiro desafio provocado pelo estudo das interações sociais. Pode-se acusar Piaget de ter negligenciado essas interações, colocadas por ele como fator do desenvolvimento? Além da fina leitura de Piaget efetuada por Menezes, os trabalhos do CRESAS em Paris, em torno de Mira Stambak, os da escola genebrina de psicologia social mostram bem que não. *Le jugement moral chez l'enfant* continua a inspirar inúmeros sociólogos; textos esparsos sobre essa questão acabam de ser coletados em um livro organizado por C. Xypas³.

A segunda parte do livro editado por Banks-Leite, expõe alguns programas atuais de pesquisa que se fundamentam na teoria piagetiana, ou são inspiradas por ela.

Em que medida a psicologia genética piagetiana é uma teoria geral do conhecimento? Seria ela compatível com correntes que privilegiam o estudo do conhecimento “de domínios” ou o dos “modelos mentais”? Dois artigos, um de Castorina, outro de Franco et al. examinam a questão de forma contrastada. O debate sobre o lugar concedido à linguagem na teoria de Piaget não está próximo do fim, da mesma forma que a discussão sobre as interações sociais. Tudo se passa como se esses dois temas, que ele assinalou como fundamentais, mas que tratou superficialmente em sua obra, se tornassem o ponto de ancoragem de um revival dinâmico de sua teoria, à maneira de um “efeito Zeigarnik” transgeracional.

Depois de ter retraçado as perspectivas piagetianas sobre a questão da linguagem, sobretudo em termos de metodologia de pesquisa, Banks-Leite defende uma concepção mais social e ao mesmo tempo mais operatória das funções da linguagem em uma perspectiva psicogenética.

³ Piaget, J. (1997). *L'éducation morale a l'école. De l'éducation du citoyen a l'éducation internationale*. Paris: Anthropos.

Por que o tema da “honra” que mobilizou durante muito tempo a filosofia, quase não interessou a psicologia, não mais que a “vergonha”, tema que lhe é relacionado, pergunta habilmente De La TAILLE? Seu artigo oferece uma milésima e pertinente leitura - em torno das noções de autonomia e de heteronomia - do *Le Jugement Moral chez l'enfant*. Apostamos que esta não será a última de um trabalho que seu autor nunca considerou essencial.

Habermas leu Piaget (e Kohlberg, seu epígono desigual para o estudo do desenvolvimento moral) nos ensina Kesselring. Para o filósofo, “a História deve ser compreendida, antes de tudo, como um conjunto de interações sociais”⁴. Portanto é necessário se interessar pela natureza das mesmas. Para Habermas, o “agir comunicativo” que organiza essas interações traduz uma espécie de “otimismo”, que pressupõe acordo e compreensão recíproca entre os atores sociais. Habermas se apropria dos importantes conceitos piagetianos de descentração e de abstração reflexiva, dois meios que o indivíduo possui para se situar em relação ao seu ambiente imediato. Kesselring discute esse empréstimo de maneira aprofundada.

Percursos Piagetianos é um livro irregular, mas cativante. A diversidade das contribuições que o alimentam suscitam apenas otimismo, certamente uma outra forma de otimismo que é sustentada por Habermas. As conquistas e as lacunas da obra de Piaget não terminaram de estimular a pesquisa em diferentes áreas do conhecimento.

⁴ Delacampagne, C. (1995) *Histoire de la philosophie au XXème siècle*. Paris: Le Seuil, p. 351.